

4.3. A poesia ovidiana de exílio em outros epigramas de Marcial

Outros epigramas fazem alusão às elegias das duas obras de exílio de Ovídio, embora não possamos constatar neles, por pertencerem a livros escritos e publicados por Marcial quando ainda habitava *em* Roma, os mesmos efeitos de sentido que nos permitiram propor a tese da construção da imagem de “exilado” de que tratamos nas duas seções anteriores.

Um desses epigramas é I.70, em que o poeta manda que o livro vá, em seu lugar, fazer a Próculo a saudação matinal, uma das obrigações, na Roma Antiga, do cliente para com seu patrono. Isso nos permite inferir que Próculo é um patrono do poeta, e que é o mesmo indivíduo – Gaio Júlio Próculo – cujo restabelecimento da saúde é celebrado no *sotería* XI.36.²⁷¹ O diálogo intertextual se dá sobretudo com *Tr.* III.1, mas também com *Tr.* I.1, *Tr.* III.7 e *Pont.* IV.5²⁷², todos em dísticos elegíacos, como o epigrama de Marcial.

Primeiramente, a estrutura na qual o poeta se dirige a seu livro, pedindo que vá fazer a saudação a uma determinada pessoa, foi imitada mais diretamente da sétima elegia de *Tr.* III, em que Ovídio manda sua carta, escrita às pressas, ir saudar sua enteada Perila. Mas esse formato pode evocar também a estrutura de *Tr.* I.1 (o poeta, em Tomos, se dirige a seu livro e manda que vá sozinho a Roma), de *Pont.* IV.5 (o poeta, em Tomos, ordena a suas elegias irem até Sexto Pompeu, em Roma), ou de *Tr.* III.1 (o livro, falando em primeira pessoa, chega a Roma, vindo de Tomos, e se dirige ao leitor).

Eis o epigrama:

I.70

Vai saudar, livro, em meu lugar! Quero que vás,
zeloso arauto, ao belo lar de Próculo.
Qual o caminho? Explico: Cástor vais transpor,
vizinho à Vesta Antiga, e o lar das virgens;
dali ao Palatino irás por sacra encosta,
onde estátuas do sumo chefe brilham.

Vade salutatum pro me, liber: ire iuberis
ad Proculi nitidos, officiose, lares.
Quaeris iter, dicam. Vicinum Castora canae
transibis Vestae uirgineamque domum;
inde sacro ueneranda petes Palatia cliuo,
plurima qua summi fulget imago ducis.

5

²⁷¹ Na obra de Marcial, Próculo só é citado nesses dois epigramas.

²⁷² Só reproduziremos a seguir os trechos destas elegias ainda não reproduzidos nesta tese. Para a localização dos já transcritos anteriormente, utilize-se o índice de poemas ao final da tese.

Não te prenda a irradiante mole do colosso, que supera orgulhosa a obra ródia.	Nec te detineat miri radiata colossi quae Rhodium moles uincere gaudet opus.	
Vira onde o templo está do ébrio Lieu e se ergue, com um coribante, o domo de Cibele.	Flecte uias hac qua madidi sunt tecta Lyaei et Cybeles picto stat Corybante tholus.	10
Eis logo à esquerda a frente dos nobres penates: do átrio da excelsa casa te aproxima.	Protinus a laeua clari tibi fronte Penates atriaque excelsae sunt adeunda domus.	
Chega e não temas luxo ou um limiar soberbo: qual porta é mais aberta em seus batentes?	Hanc pete: ne metuas fastus limenque superbum: nulla magis toto ianua poste patet,	
Qual as doudas irmãs e Febo amam mais no íntimo? Se diz “Por que não vem ele em pessoa?”, justifiques: “Porque, o que for que aqui se leia, um cliente não podia escrever.”	nec propior quam Phoebus amet doctaeque sorores. 15 Si dicet “Quare non tamen ipse uenit?”, sic licet excuses “Quia qualiacumque leguntur ista, saluator scribere non potuit.”	

O verso 1 empresta as duas palavras iniciais, *vade salutatum*, de *Tr.* III.7.1²⁷³, e as utiliza no mesmo local do verso, os dois primeiros pés (dátilo e espondeu) e a metade do terceiro (dátilo em Ovídio, espondeu em Marcial):

Vādē sāllūtāltūm, sūbīltō pērālrātā Pēlrīlām (Ovídio).

Vādē sāllūtāltūm prōl mē, lībēr:l īrē iūlbērīs (Marcial).

Na elegia ovidiana, como adverte Howell (1980: 266), não há, porém, a idéia de clientelismo no termo *salutatum*, pois Ovídio está enviando a saudação à sua enteada, não a um patrono. No entanto, Perila e Próculo têm algo em comum: o interesse pela poesia (cf., respectivamente, *Tr.* III.7.11 ss. e I.70.15), embora não fique claro se o segundo é poeta ou apenas patrocinador dos poetas. Ovídio fará à enteada um discurso de apologia à poesia, lembrando que os dons do engenho são os únicos bens que não podem ser tirados a ninguém, e a única parte, dos mortais, que é imortal (vv. 43 ss.); Marcial terminará o epigrama declarando jocosamente, a seu patrono, que não poderia ter escrito os poemas que ora lhe são trazidos, caso tivesse de fazer-lhe a *salutatio* matinal.²⁷⁴ Ovídio se mostra preocupado com a esterilidade poética que sua desgraça, no exílio, possa causar na enteada

²⁷³ Zingerle (1877: 27) detectara esse intertexto. Cf. também Howell (1980: 266).

²⁷⁴ Note-se que o tema da saudação (*salutatio*) está presente no primeiro e no último verso de Marcial, que contêm os termos *salutatum* e *saluator*, respectivamente.

Tr. III.1.79-82

Nesse ínterim, como me é vedado o espaço público,
Seja-me permitido esconder em local privado.
Vós também, mãos plebéias, se é lícito, meus versos
Cobertos de pejo pela repulsa recebei.

(Trad. Patrícia Prata)

Interea, quoniam statio mihi publica clausa est,
Priuato liceat delituisse loco.
Vos quoque, si fas est, confusa pudore repulsae
Sumite plebeiae carmina nostra, manus.

Desse trecho, Marcial pode ter tomado, além do cenário em que o livro se contenta em ser lido por pessoas menos importantes, o substantivo *manus*, adjetivado, como em Ovídio (*Plebeiae manus*; em Marcial, *manus minores*, v. 8). Partênio é honrosamente colocado, portanto, na posição do imperador Augusto, e, como este, não lerá livro algum, forçando a busca de anônimos leitores. Os motivos são, obviamente, diferentes: Augusto não leria um poeta que ele exilara por causa, dentre outras coisas, do próprio conteúdo do que produzira; Partênio, por outro lado, não lerá porque não tem tempo e porque – diz Marcial jocosamente – teria coisa melhor para ler, isto é, os poemas de sua própria lavra. Patente é o louvor a Partênio, seja pelo rico acabamento do livro que se dirige a ele, seja pela comparação com Augusto ou pelo elogio de seu talento poético.

Os ecos destas duas passagens ovidianas, presentes no epigrama XI.1, trazem para este o tom de autodepreciação do poeta existente nas duas elegias de Ovídio. Porém, enquanto esse tom reflete, nas duas elegias, a situação desesperadora de um poeta exilado em busca do perdão de seu algoz, o texto de Marcial põe abaixo a seriedade do texto ovidiano, caçoando, quase, de seu modelo, e caçoando, certamente, de si mesmo, ao dizer que mesmo a multidão sem nada para fazer só lerá seu livro quando tiverem terminado as apostas e discussões concernentes às corridas do circo.

“vestido” com uma capa de pergaminho pintada de púrpura, um traje que não é o do dia-a-dia (cf. vv. 1-2). Diferentemente, portanto, do desleixado livro de Ovídio de *Tr.* I.1.3-14 e III.1.11-18, o volume de Marcial está trajado festivamente, pois vai visitar uma pessoa muito querida do poeta, provavelmente um de seus patronos, Partênio, o camareiro ou criado de quarto de Domiciano.²⁹⁷

Esse patrono, porém, é muito ocupado e não poderá ler o livro de Marcial (cf. vv. 5-6), que indica, então, onde pode o livrinho encontrar leitores, ainda que menos importantes (vv. 7 ss.). Se o livro se contentar em ser tocado por mãos menos importantes que as de Partênio, diz o poeta nos versos 7-8, poderá se dirigir ao Pórtico de Quirino²⁹⁸ (v. 9), onde, dentre uma multidão de desocupados, um ou outro lerá, talvez, os poemas do livro (vv. 13-14), mas – em tempo – só depois que assunto mais interessante, as corridas do circo, tiver se esgotado (vv. 15-16). Na elegia I.1 dos *Tristes*, Ovídio imaginara seu livro subindo ao alto do Palatino, onde poderia desejar ser lido pelo imperador Augusto, mas o poeta aconselhara o livro a desistir disso e se contentar em ser lido por gente comum:

***Tr.* I.1.87-88**

Logo, acautela-te, ó livro, e com espírito receoso observa
Para que te contentes em ser lido pela gente comum!

(Trad. Patrícia Prata)

Ergo caue, liber, et timida circumspice mente
Vt satis a media sit tibi plebe legi!

A idéia é a mesma, e as passagens chegam até a compartilhar um elemento formal (cfr. *satis ... tibi*, v. 88 de Ovídio, e *te satis*, v. 7 de Marcial), embora difiram sensivelmente no plano da expressão. Marcial pode ter se inspirado também nos versos finais de *Tr.* III.1. Depois de passar, trêmulo, perto do palácio de Augusto, e de ser expulso da biblioteca do Templo de Apolo e de outros locais públicos, o livro de Ovídio solicita acolhimento junto ao povo:

²⁹⁷ Vejam-se outras informações nas notas ao poema, em 3.4.

²⁹⁸ Ficava no monte Quirinal, ao redor do Templo de Quirino, segundo Izaac (1961: 117, n. 3). Ver mapa 6.

A nosso ver, o poema VIII.72 de Marcial não contém aquela mesma imagem de exílio criada, nos epigramas dos livros III e XII, pelas alusões aos *Tristes* e às *Epístolas do Ponto*. Mesmo porque o poeta está, nesse momento²⁹⁴, em Roma, e é seu livro que está prestes a viajar ao exterior, seguindo na comitiva de Arcano. Os efeitos que os intertextos ovidianos trazem são, sim, de intensificação do louvor do magistrado, na medida em que o epigramatista deixa subentendido, em seu desejo de estar no lugar do livrinho, que trocaria Roma pela cidade para qual Arcano vai viajar, tão grande é a honra dessa companhia. Mudar-se para Narbona junto de Arcano faz dessa cidade, portanto, um lugar tão bom ou melhor que a própria capital do Império, da mesma forma que esta era, para o Ovídio exilado, imensamente melhor que a bárbara Tomos, o que o motivara igualmente a desejar que os deuses o transformassem em seu livro.

Dois outros poemas que já analisamos anteriormente (X.93 e XI.1) podem igualmente ser lidos intertextualmente em relação a elegias ovidianas de exílio. O primeiro deles, X.93 (cf. 3.5), dialoga com a elegia *Tr.* I.1, primeiramente porque contém a temática da viagem a terras distantes e a estrutura de *propemptikón*: Marcial se dirige a um certo Clemente que partiu para o norte da Itália, e pede-lhe que entregue um livro de poemas a Sabina, moradora de Ateste, nas proximidades de Pádua. Em segundo lugar, há elementos de descrição material do livro, presentes nos versos 4-6: o volume acabou de receber a capa de pergaminho pintada de púrpura e é novinho em folha, não foi sujo ainda pelos queixos dos leitores.²⁹⁵ Em *Tr.* I.1.3-14, como sabemos, Ovídio descrevera seu livro com características físicas e estado de espírito conformes à sua condição de livro vindo do exílio.²⁹⁶ O contraste intertextual é visível, enfatizando, mais uma vez, a importância da figura do homenageado: enquanto o livro de Ovídio é infeliz e sem qualquer acabamento, como convém a um livro de exilado, o volume enviado a Sabina, além de conter poemas inéditos (cf. v. 3), é novo, limpo e com acabamento fino (tem capa de pergaminho pintada de púrpura), como convém a um livro enviado a tão prezada figura feminina.

Podemos fazer leitura parecida do epigrama XI.1 (cf. 3.4). Não há, em seu conteúdo, a temática da viagem a terras distantes, mas o livro que está indo ver Partênio está

²⁹⁴ Dezembro de 94 d.C., época da publicação do livro VIII (cf. Sullivan, 1991: 40).

²⁹⁵ Vejam-se notas ao poema, em 3.5, para outros esclarecimentos sobre esse epigrama.

²⁹⁶ Cf. também *Tr.* III.1.11-18.

engrandecimento da figura de seu homenageado: o livrinho que acompanhará Arcano está inacabado não porque é infeliz, mas porque tem pressa em seguir personalidade tão importante e amiga. Não há tempo para o acabamento final, pois é necessário correr para desfrutar o maior tempo possível da companhia do homenageado. Note-se, ademais, que o pergaminho da capa que o livrinho, caso tivesse tempo, receberia, seria pintado com púrpura de múrex, a mais cara e apreciada, ao contrário da capa vedada por Ovídio a seu livro, que seria pintada com púrpura de origem vegetal.²⁹³

Mas há, no último verso do epigrama, uma alusão mais evidente a Ovídio. Marcial diz que gostaria imensamente de poder se transformar em seu *libellus*, pois poderia, assim, desfrutar da companhia de Arcano e habitar junto dele em Narbona. É provável que o leitor de Marcial, tendo em vista a semelhante estrutura de *propemptikón* do epigrama e da elegia *Tr. I.1*, se lembrasse do seguinte dístico desta última:

Tr. I.1.57-58

Mas tu, vai em meu lugar, e tu, a quem é permitido, visita Roma.

Fizessem os deuses com que eu pudesse ser agora meu livro!

(Trad. Patrícia Prata)

Tu tamen, i pro me, tu, cui licet, aspice Romam.

Dī fācē/rēnt pōs/sēm/ nūnc mēūs/ ēssē lī/bēr!

A idéia, nos versos 9 de Marcial e 58 de Ovídio, é claramente a mesma, ainda que eles difiram levemente no plano da expressão. Há, neles, a utilização de um sintagma semelhante (*meus liber* em Ovídio, *meus libellus* em Marcial) nos mesmos pés poéticos do verso, os três pés finais (cfr. Marcial: *Quām uēllēm fīē/rī mēlūs lī/bēllūs!*). Note-se, porém, que o material emprestado do pentâmetro ovidiano é rearranjado, pelo epigramatista, num diferente esquema métrico-rítmico, o hendecassílabo falécio. Vale registrar ainda o uso semelhante de um verbo na primeira pessoa do singular do imperfeito do subjuntivo, cujo sujeito é o próprio poeta (*possem* em Ovídio, *uellem* em Marcial), e de infinitivos semanticamente equivalentes (*esselfieri*) na expressão do desejo dos poetas.

²⁹³ Note-se que a cidade em que Arcano vai assumir sua magistratura também é louvada, nos versos 4-5. Contribui para isso a epanalepse (veja-se nota 265) do nome *Narbo* nesses dois versos. Trata-se de um recurso usado freqüentemente, por Marcial, para colocar em destaque nomes homenageados (cf. Wills, 1996: 169).

seguir viagem, na companhia do magistrado, até Narbona (v. 9).²⁹¹ Na elegia *Tr.* I.1, como já vimos, Ovídio, que vai permanecer em seu exílio em Tomos, se dirige a seu livro, que partirá, sem seu autor, para Roma.

Esse primeiro marcador intertextual – o fato de que, em ambos os poemas, o indivíduo que fica num determinado lugar (o locutor do discurso) é o poeta, e aquele que está partindo (o destinatário do discurso) é o livro – aguça a nossa curiosidade e nos faz examinar outras possíveis alusões. Os dois versos iniciais de Marcial tratam de aspectos materiais da produção do livro, a colocação da capa de pergaminho pintada de púrpura (cf. *murex*) e a raspagem, com pedra-pomes, das rebarbas das extremidades do rolo de papiro. Poderíamos ver aí alusões aos versos 5 e 11 de Ovídio, respectivamente, ainda que a intertextualidade se mostre mais no nível da idéia do que no da retomada formal. No primeiro caso, Marcial menciona, com a metonímia *murex*, a tintura púrpura extraída de moluscos, muito valorizada na Antigüidade. Ovídio preferira, talvez preocupado com a imagem de penúria a ser construída para seu livro-filho-de-exilado, a variante mais barata dessa tintura, produzida a partir de um vegetal.²⁹² Mas, se voltamos dois versos na elegia de Ovídio (v. 3), encontramos o adjetivo *incultus*, que pode ter sido retomado por Marcial no adjetivo *cultus* do verso em que menciona a capa de pergaminho pintada de púrpura (v. 1). Quanto ao acabamento com pedra-pomes, o verso de Marcial (v. 2) foi, evidentemente, inspirado, quanto ao seu léxico e à disposição das palavras no esquema métrico-rítmico, no verso 2 de Catulo, como vimos em 3.2. Mas não ignoremos a alusão também a Ovídio, que traz, em seu verso 11, o substantivo *pumex* (*pumice*) e o verbo *polire* (*poliantur*).

Tanto o livro de Marcial quanto o de Ovídio estão exteriormente inacabados. Mas os motivos são totalmente diferentes. O livro ovidiano deve ter uma aparência física consoante a sua condição de livro escrito por um poeta exilado e enviado a Roma a partir do exílio em terras distantes e bárbaras. Daí não dever possuir ornatos (v. 3), capa púrpura (v. 5-6), acabamento com pedra-pomes (v. 11) e todos os itens de embelezamento, descritos em *Tr.* I.1.3-12, que só caberiam a um livro afortunado e feliz. Marcial, aludindo a esse trecho da elegia ovidiana, produz uma quebra de expectativas em seu epigrama, visando ao

²⁹¹ Pode ser que Marcial tenha dado a Arcano, como presente de despedidas, um exemplar de algum de seus livros, talvez do próprio livro VIII.

²⁹² Sobre o arbusto *uaccinium*, vejam-se, em 4.1, as informações contidas na análise de III.2 em confronto com *Tr.* I.1.

O uso do advérbio *protinus* para iniciar o verso 11 do epigrama, formando o dátilo inicial do hexâmetro, pode evocar o mesmo uso no verso 9 de Ovídio.²⁸⁸ Além disso, Marcial também usou, em seu verso 5, o advérbio *inde* e o verbo *petere*, ainda que não na mesma posição em que se encontram no verso ovidiano. Para terminar, tanto o destinatário de Ovídio (Sexto Pompeu) quanto o de Marcial (Próculo) perguntarão, ao livro, por seu autor: o primeiro, depois de concluir suas tarefas públicas, pedirá notícias de Ovídio, ao que o livro deverá responder que o poeta está vivo graças a Pompeu (vv. 27 ss.); Próculo, por sua vez, questionará a ausência do epigramatista na saudação matinal e a sua substituição pelo livro de poemas, devendo este responder, como já sabemos, que Marcial não vem porque, se viesse, não teria escrito os poemas que o livro-cliente contém (vv. 16-18).

Seguindo a interpretação que equipara Próculo à figura do imperador Augusto, a qual propusemos há pouco na leitura intertextual do epigrama I.70 em relação a *Tr.* I.1 e III.1, podemos agora estabelecer a comparação de Próculo à figura consular de Sexto Pompeu. Ao contrário das elegias dos *Tristes*, que, a despeito dos pedidos de perdão de Ovídio, apresentam um Augusto irado e causador de medo, o Sexto Pompeu de *Pont.* IV.5 é apresentado como um benévolo protetor, digno de calorosos agradecimentos. Não há, portanto, na equação Próculo = Sexto Pompeu, o contraste que existe na equação Próculo = Augusto, uma vez que o protetor de Marcial é apresentado, nos versos 13-15 do epigrama, como um patrono acolhedor, receptivo e, apesar da beleza da casa em que mora, sem nenhuma soberba.

Passemos agora a uma breve análise de VIII.72 à luz da elegia I.1 dos *Tristes* (víramos, em 3.2, as relações desse mesmo epigrama com o poema 1 de Catulo). Permite-nos esta leitura o fato de que VIII.72 é um *propemptikón*²⁸⁹ de semelhante estrutura à da elegia ovidiana: o livrinho de Marcial nem recebeu ainda os últimos retoques e já se apressa em seguir Arcano, que vai reassumir alguma magistratura na cidade de Narbona (atual Narbonne, na França)²⁹⁰; o poeta, que não seguirá na comitiva de Arcano (ficará, portanto, em Roma), se dirige a seu livro, que tem tal privilégio, e enuncia o seu próprio desejo de

²⁸⁸ Howell (1980: 270) também aponta essa alusão.

²⁸⁹ Cf. Cairns (1972: 6 ss.).

²⁹⁰ Cf. Grant (1997: 418, s.v.). Para mais informações sobre esse poema, vejam-se as notas explicativas a ele apostas na análise feita em 3.2.

de Marcial I.70.17, pode evocar *qualiacumque leget* do dístico abaixo, em que Ovídio ressalta a importância de se levar em conta, na avaliação estética de seus versos, a situação calamitosa em que o autor se encontra:

Tr. I.1.46-47

E, por isso, um juiz imparcial ficará admirado com o que faço
E lerá com benevolência meus escritos, quaisquer que sejam.

(Trad. Patrícia Prata)

Haec quoque quod facio iudex mirabitur aequus
Scrīptāquē/ cūm uēnī/ā/ quāliā/cūmquē lē/gēt.

A expressão ocupa a mesma posição nos versos dos dois autores (os três pés finais), apesar de aparecer, em Marcial, no hexâmetro, e, em Ovídio, no pentâmetro. Outra alusão ocorre nos versos 5-6 do epigrama, que participam da descrição do trajeto a ser seguido pelo livro para chegar à casa de Próculo, mencionando o monte Palatino e as imagens de Domiciano que adornavam um trecho da Via Sacra. Nos versos 69-70 de Ovídio, que já transcrevemos mais de uma vez nesta tese, há uma breve descrição de trajeto indicando, ao livro, que o palácio de Augusto fica no alto do Palatino. Os Césares são diferentes, mas o local de seus palácios é o mesmo, e o uso, por ambos os autores, da palavra *Palatia* – na mesma parte do verso, participando do espondeu do quarto pé e do dátilo obrigatório do quinto pé do hexâmetro – reforçam a intertextualidade.

Fechando a análise de I.70, resta-nos dizer algumas palavras sobre sua relação com *Pont.* IV.5. Como já explicitado em 4.1, Ovídio manda suas elegias irem de Tomos até Roma para fazerem o agradecimento, ao cônsul Sexto Pompeu, pelo apoio dado ao poeta na viagem até o exílio. Os versos 9-10, que trazem uma breve instrução de trajeto, dentro de Roma, para que as elegias possam chegar à casa de Sexto Pompeu, podem ter fornecido elementos para a construção das indicações de trajeto no epigrama de Marcial:

***Pont.* IV.5.9-10**

Dali deveis dirigir-vos logo ao palácio de Pompeu: Protinus inde domus uobis Pompeia petatur:
nenhum é mais próximo do Fórum de Augusto. non est Augusto iunctior ulla foro.

Vês pela cor exangue o papel amarelar?	Aspicis exsangui chartam pallere colore?	55
Vês os alternados pés tremerem?	Aspicis alternos intremuisse pedes?	
Algum dia, imploro, sejas propícia a meu pai	Quandocumque, precor, nostro placere parenti	
E sob os mesmos senhores te reveja, ó casa!"	Isdem <et> sub dominis aspiciare domus!"	

(Trad. Patrícia Prata)

e é expulso da biblioteca anexa ao Templo de Apolo construída por esse imperador e dos outros templos das redondezas, o livro de Marcial não deverá temer (*ne metuas*) encontrar um limiar luxuoso e soberbo na casa de Próculo (v. 13), pois nenhuma porta se mostra mais aberta e amiga que a dessa casa (v. 14)²⁸⁷. Além disso, nenhuma outra porta é mais intimamente amada, pelos deuses ligados à poesia, que a da casa de Próculo (v. 15), uma referência, talvez, à proteção que ele concede aos poetas, ou, ainda, a algum talento poético do próprio patrono. Portanto, Próculo é louvado, por Marcial, como um patrono melhor e muito mais acolhedor que o próprio imperador Augusto.

Os versos finais de Marcial podem nos trazer outro efeito de sentido gerado pelas alusões a Ovídio presentes no epigrama. Próculo, embora acolha bem, em sua casa, o livro enviado por Marcial, questionará, curioso, o porquê de não vir o autor, pessoalmente, fazer a saudação matinal (v. 16). O livro deverá responder que, independentemente da qualidade dos poemas que contém (*qualiacumque leguntur ista*), estes não nasceriam se o poeta viesse toda manhã fazer a *salutatio* (vv. 17-18). Assim, se o exílio prejudica o aspecto exterior e a qualidade do conteúdo do livro de Ovídio, como se vê nos versos 13-18 de *Tr.* III.1, o prejuízo causado pelas obrigações de cliente à atividade poética de Marcial é até mais grave, pois impediria o próprio nascimento dos poemas. Além disso, vale aqui também o que dissemos há pouco na análise dos efeitos intertextuais que relacionam o verso 1 de Marcial com *Tr.* I.1.57: se Ovídio não pode vir a Roma porque foi banido para o exílio, Marcial não pode vir saudar Próculo porque, se o fizer, não terá tempo para escrever seus epigramas. No texto de Marcial, repleto de intertextos ovidianos, a condição do poeta-cliente se assemelha, de alguma maneira, à de poeta exilado.

Semelhantes efeitos podem ser gerados na leitura intertextual de Marcial I.70 em confronto com a elegia I.1 dos *Tristes*. Por esta razão, limitamo-nos a indicar rapidamente os intertextos existentes, além daquele já mencionado (*Tr.* I.1.57). *Qualiacumque leguntur*,

²⁸⁷ Zingerle (1877: 15) reconhece ainda, nesse verso 14 de Marcial, uma alusão a *Fast.* II.456 (*ianua laxa patet*), V.502 (*ianua nostra patet*) ou I.280 (*tota patet ... ianua*).

Conseqüentemente, o epigramatista pôde manter também a aliteração em [p] do verso ovidiano (*Petes Palatia*), embora com um som a menos (em Ovídio, ela era tripla: *Petens ... Porta ... Palati*). O mesmo não ocorreu com a forte aliteração em [t] de Ovídio (sete sons), que se reduziu a apenas duas ocorrências em Marcial: *peTes palaTia*. Note-se ainda que Marcial opta pela quantidade longa na primeira sílaba de *Palatium*²⁸⁵, que é breve em Ovídio.

Não há outras semelhanças de indicações topográficas nos trechos dos dois autores. Marcial, como vimos, instruirá seu livro a dobrar, bem antes de chegar ao colosso do deus Sol, numa rua perto dos Templos de Cibele e de Baco, na qual encontrará a casa de Próculo, no início da encosta do Palatino; o livro de Ovídio subirá até o alto da colina, onde chegará à casa de Augusto (vv. 33 ss.) e ao templo de Apolo, que possuía uma biblioteca anexa construída por esse imperador²⁸⁶ (vv. 59-68, não reproduzidos acima). Expulso dali pelo guardião do local, o livro procurará “outros templos” (*altera templa*) “ao lado do teatro vizinho” (*uicino iuncta theatro*), construções cuja identificação é por demais imprecisa (cf. Ripert, 1937: 492, n. 263). Mas o livro é proibido de entrar em todos eles (vv. 69-74), o que o motiva a pedir, em prece, ao deus César, o perdão para os livros e seu autor (vv. 75-78).

No entanto, além de alguma semelhança no trajeto, como apontamos no confronto dos versos 3-6 de Marcial e 27-31 de Ovídio, os pontos de partida e de chegada dos dois livros são semelhantes: eles partem do Fórum Romano e chegam ao Palatino, ainda que o livro de Marcial não chegue a subir até o topo da colina. Tanto o destinatário deste último (Próculo) quanto o do livro de Ovídio (Augusto) moram na região do Palatino. Os intertextos ovidianos presentes nas indicações de trajeto de Marcial fazem, no texto deste, a equiparação, para efeito de louvor, do patrono Próculo com o imperador Augusto. Há, porém, um contraste importante: enquanto o livro de Ovídio se aproxima temeroso do palácio de Augusto,

Tr. III.1.53-58

“Ai de mim! Receio este lugar, receio o soberano,
E treme-se minha letra com inquietante medo.

Me miserum! ueeorque locum, ueeorque potentem,
Et quatitur trepido littera nostra metu.

²⁸⁵ Para mais detalhes sobre essa questão, veja-se Howell (1980: 268).

²⁸⁶ Cf. Ripert (1937: 492, n. 259).

Apesar de termos pentâmetro em Marcial e hexâmetro em Ovídio (e de *Vestae* integrar um espondeu e a sílaba longa isolada, no primeiro caso, e dois espondeus, no segundo), percebe-se que, em ambos os versos, o nome da deusa marca a cesura pentemímera.

Mas pode haver outras retomadas. No verso seguinte de Ovídio, o leitor aponta para o local em que existiu a casa em que morou o rei Numa Pompílio, conhecida pelos romanos como *Regia* (cf. *OCD*: 1297, s.v.). Ficava entre a Via Sacra e os arredores do Templo de Vesta (*ibid.*). Segundo Ripert (1937: 491, n. 254), o próprio Ovídio diz, nos *Fastos* VI.263-264, que a casa de Numa fora aproveitada por Augusto na construção da Casa das Vestais. No verso dos *Tristes* que estamos analisando, o poeta se refere à morada de Numa, de fato, com o verbo no passado (*fuit*), de maneira que o leitor que guia o livro de Ovídio estaria apontando para a Casa das Vestais, a construção que efetivamente existia ali à época do poeta. Se nossos argumentos estão corretos, poder-se-ia ver mais um eco ovidiano no verso 4 de Marcial, que menciona, nas instruções de trajeto a seu livro, a “virgínea morada” (*uirgineamque domum*), a Casa das Virgens, ou, como os antigos chamavam, o *Atrium Vestae*.

No verso 5 do epigrama, Marcial, além de ter se utilizado, como vimos, do verso 28 de Ovídio (com a menção da Via Sacra), parece ter se inspirado também no verso 31. Neste, o leitor, virando-se para o lado direito da via, indica ao livro a Porta do Palatino, construção que não passava de ruínas à época de Ovídio, segundo Ripert (1937: 491, n. 255):

Īndĕ pĕltĕns dĕx/trām: “Pōrt(a) ēst āit līstā Pāllātī,

Marcial também inicia seu hexâmetro com o advérbio *inde* e usa igualmente o verbo *petere*, ainda que em forma e local do verso diferentes.²⁸⁴ Mantém ainda o substantivo *Palatium*, mudando apenas o caso, o número e a posição no verso:

Īndĕ sālcrō uĕnĕlrāndā pĕltĕs Pāllātīāl clīuō,

²⁸⁴ Cf. também *Tr.* IV.2.55, que traz *inde petes*.

Este foi o pequeno palácio do antigo Numa.” 30
 Dali voltou-se à direita: “Esta é a porta do Palatino”, disse,
 “Este Júpiter *Stator*: neste lugar, outrora, foi fundada Roma.”
 Contemplando um a um, vejo pelas fulgentes armas
 Conspícuos umbrais e tetos dignos de um deus,
 E disse: “Esta é a casa de Jove?” Pensei que fosse 35
 Por me dar tal indício a coroa de carvalho.
 Logo que soube de quem era: “Não me engano”, disse,
 “É sem dúvida esta a casa do grande Jove.

(Trad. Patrícia Prata)

Paruit et ducens: "Haec sunt fora Caesaris, inquit,
 Haec est a sacris quae uia nomen habet;
 Hic locus est Vestae, qui Pallada seruat et ignem;
 Haec fuit antiqui regia parua Numae." 30
 Inde petens dextram: "Porta est, ait, ista Palati,
 Hic Stator, hoc primum condita Roma loco est."
 Singula dum miror, uideo fulgentibus armis
 Conspicuos postes tectaque digna deo.
 Et "Iouis haec, dixi, domus est?" Quod ut esse putarem, 35
 Augurium menti querna corona dabat.
 Cuius ut accepi dominum: "Non fallimur, inquam,
 Et magni uerum est hanc Iouis esse domum.

Ao menos duas indicações topográficas de Ovídio foram retomadas por Marcial: no verso 28, o poeta dos *Tristes* mencionara a Via Sacra, com a perífrase *uia quae nomen habet sacris*. No verso 29, há a menção do Templo de Vesta, guardião do Paládio e do fogo sagrado. Marcial (v. 4) parece ter mantido também algo da aliteração em [u] consonantal do verso ovidiano (*Vestae Virgineamque*; em Ovídio, *Vestae ... serVat*), além de ter usado o nome da deusa nos mesmos pés poéticos, o segundo e o terceiro:

trānsī/bīs Vēs/tāe/ uīrgīnē/lāmquē dō/mūm

Cfr. verso de Ovídio: *Hīc lōcūsl ēst Vēs/tāe, quī/ Pāllādā/ sēruāt ēt/ īgnēm*).

pode avistar a colossal estátua de bronze do deus Sol, erigida perto do Coliseu.²⁸¹ Marcial se mostra, nesse momento, preocupado, pois o livro pode se deter demais ali, estupefato diante da magnitude daquela obra, que supera, segundo ele, uma das sete maravilhas do mundo antigo, o Colosso de Rodas (vv. 7-8).²⁸² Ao invés de se aproximar do colosso e do Coliseu, o livro deve, ao contrário, dobrar na próxima rua, logo depois dos Templos de Baco e de Cibele (vv. 9-10)²⁸³, e logo verá, à esquerda, nessa rua, a casa de Prócuro (v. 11). O patrono de Marcial habitava, portanto, nas encostas do Palatino, colina que se tornara, já de muito tempo, um bairro habitado pela aristocracia romana. O alto do monte abrigava, além disso, diversos templos e construções, além do palácio de Domiciano (cf. *OCD*: 1099, s.v. “Palatine”).

Marcial, nos versos que acabamos de explicar, pode ter se inspirado sobretudo na elegia *Tr.* III.1, mais precisamente nos versos 27-30, como aponta Citroni (*apud* Howell, 1980: 267). O livro de Ovídio, chegando a Roma, encontra um leitor que o guia pela cidade, indicando-lhe os locais para onde um livro forasteiro deve se dirigir, conforme o próprio volume pedira:

***Tr.* III.1.27-38**

Obedeceu e me conduzindo: “Estes são os fóruns de César”, disse,

“Esta é a via que leva o nome dos cortejos sacros;

Este é o templo de Vesta, que guarda o Paládio e o fogo;

²⁸¹ Note-se *radiata*, em referência aos raios esculpidos na cabeça da estátua para representar o Sol. O colosso representava inicialmente o imperador Nero, por quem fora construído para ornamentar a entrada de sua *Domus Aurea* (cf. *OCD*: 365, s.v. “Colosseum”), mas, segundo Howell (1980: 268), não tinha sido ainda posto em pé quando Nero morreu, tarefa que coube a Vespasiano, não sem antes substituir a cabeça de Nero pela do deus Sol. O local da colocação da estátua estaria, provavelmente, nas proximidades do Coliseu (*id.*, *ibid.*), que fora, por sua vez, construído onde antes fora o lago da Casa Dourado de Nero. Aliás, o nome com que o Anfiteatro Flávio ficou conhecido na Idade Média (*Colosseum*) se deve a essa estátua colossal do deus Sol (*OCD*: 365, s.v. “Colosseum”).

²⁸² Cf. também *Spect.* 1. O Colosso de Rodas, erigido em 305 a.C. numa colina próxima de um dos portos da cidade de Rodas, na ilha de mesmo nome, tinha 33m de altura e fora feito em bronze. Já não existia à época de Marcial, pois ruína em um terremoto em 228 ou 226 a.C. (cf. *OCD*: 318, s.v. “Chares 4”).

²⁸³ A localização desses dois templos é duvidosa, segundo Izaac (1930: 37, n. 6). Para Howell (1980: 269), o Templo de Baco (cf. *madidi ... tecta Lyaei*) referido por Marcial pode ser a estrutura que Nash identificou em frente à atual Basílica de Constantino. O Templo de Cibele, que Marcial descreve como possuindo um teto esférico (*tholus*) e afrescos (um especialmente visível, ao que parece, cf. *picto ... Corybante*), ficaria em algum ponto entre o Arco de Tito e o Coliseu (cf. Howell, 1980: 270). A referência não pode ser ao templo que a deusa possuía no alto do Palatino (*id.*, *ibid.*). Os sacerdotes de Cibele eram também conhecidos como Coribantes (cf. *OCD*: 416, s.v. “Cybele”). Note-se, no verso de Marcial, as ricas aliterações em [k] e em [t]: *eT Cybeles piCTo sTat CorybanTe Tholus*.

Temos, além do emprego do mesmo vocativo (*liber*), do mesmo verbo no infinitivo (*ire*) e de um verbo jussivo (*iuberis memento*), a mesma disposição desses termos no verso, com *liber* ocupando parte do dátilo do quarto pé, *ire* e a primeira sílaba do verbo jussivo ocupando o dátilo obrigatório do quinto, e as sílabas restantes formando o último pé, espondeu em Ovídio, troqueu em Marcial.

Três intertextos ovidianos, portanto, contribuem na formação do primeiro verso de Marcial. A seguir, temos uma longa série de instruções de trajeto nos versos 3-12 do epigrama, as quais o livro de Marcial deve seguir para chegar à casa de Próculo. Expliquemos brevemente os dados topográficos referidos pelo poeta (cf. mapas 5 e 6). Em primeiro lugar, as indicações, ao que parece, tomam como ponto de partida o Fórum Romano, pois o livro deverá se utilizar da Via Sacra, a rua que partia desse Fórum e ia, à época de Marcial, até a colina Velia, nas proximidades do Coliseu, oferecendo acesso ao monte Palatino (cf. *OCD*: 1595, s.v.).²⁷⁷ O traçado dessa via se elevava gradativamente à medida que se distanciava do Fórum, daí, provavelmente, Marcial se referir a ela (ou a um trecho dela) como *Sacer Cliuus* (“Ladeira Sagrada”, v. 5).²⁷⁸ As margens do *Sacer Cliuus* parecem ter sido adornadas por estátuas do imperador Domiciano (cf. v. 6, *plurima ... imago ducis*), que era, de fato, afeito à construção de numerosos arcos de triunfo e estátuas, como nos conta Suetônio (*Dom.* 13).²⁷⁹

Antes, porém, de começar a subida para o Palatino, o livro deveria ter passado, ainda no trecho inicial da Via Sacra, pelos templos de Cástor e de Vesta e pela Casa das Vestais (vv. 3-4).²⁸⁰ Seguindo, então, pela Via Sacra, deverá chegar a um ponto já avançado em que

²⁷⁷ O nome *Via Sacra* se devia aos vários templos e estátuas de divindades que ocupavam seus dois lados.

²⁷⁸ Cf. Howell (1980: 267). Para Izaac (1930: 37, n. 4), o *Sacer Cliuus* referido por Marcial seria uma ramificação da Via Sacra. Outra hipótese seria a de que a expressão nomearia o trecho final, mais inclinado, da Via Sacra, equivalendo ao que outros autores antigos chamavam *Summa Sacra Via* (*OCD*: 1595, s.v. “*via Sacra*”). A título de curiosidade, note-se, neste verso, a interessante disposição das palavras, que se repete adiante, no verso 10: o verbo *petes* está circundado pelo sintagma *ueneranda Palatia*, que, por sua vez, está circundado pelo sintagma *sacro cliuo*.

²⁷⁹ Num dos arcos, alguém teria escrito a interjeição “Basta!” (cf. Suetônio, *Dom.* 13).

²⁸⁰ O Templo de Vesta, uma construção de formato circular próxima do Templo de Castor e Pólux, abrigava o fogo sagrado da deusa e o *Palladium*, a estátua da deusa Palas que teria sido trazida ao Lácio por Enéias, depois da queda de Tróia. (cf. *OCD*: 1100, s.v. “*Palladium*” e 1591, s.v. “*Vesta, Vestals*”). A Casa das Vestais, situada ao lado do templo de Vesta, era onde moravam as virgens vestais, incumbidas de manter aceso o fogo sagrado. A extinção desse fogo, conforme se acreditava, representava perigo para Roma (cf. *OCD*: 210-211, s.v. “*Atrium Vestae*”).

(vv. 21-22) e a incentiva a voltar a escrever poesia (vv. 31-32); Marcial traz esse cenário da esterilidade para seu epigrama, quando fala do prejuízo que as obrigações de cliente trariam para sua atividade poética, uma idéia que ele explorará novamente no mesmo livro I, epigramas 107 e 108.²⁷⁵

Mas o verso 1 de Marcial contém mais duas alusões a Ovídio. A idéia de o livro substituir seu autor na saudação, materializada na expressão *pro me* (“em meu lugar”), foi retomado de *Tr. I.1.57*²⁷⁶, em que Ovídio justifica o envio do livro, como seu substituto, dizendo que ao autor é vedado, por causa do exílio imposto pelo imperador, visitar Roma:

Tr. I.1.57-58

Mas tu, vai em meu lugar, e tu, a quem é permitido, visita Roma.
Fizessem os deuses com que eu pudesse ser agora meu livro!

(Trad. Patrícia Prata)

Tu tamen, i pro me, tu, cui licet, aspice Romam.
Di facerent possem nunc meus esse liber!

Um dos motivos da punição de Ovídio fora sua poesia, e por isso não pode ir à Urbe; o motivo de Marcial não ir pessoalmente (cf. vv. 16-18) também é a poesia: se ele for fazer a saudação diária a Próculo, nenhum poema nascerá, pois não terá tempo. A outra alusão ocorre com *liber, ire iuberis*, que retoma *liber, ire memento*, de *Tr. I.1.49*:

Tr. I.1.49-50

Finalmente, lembra-te de ir, meu livro, sem te importares com tua fama,
E sem te envergonhares de ser lido e não agradar.

(Trad. Patrícia Prata)

Dēnīquē/ sēcū/rūs fā/māe lībēr/, irē mē/mēntō,
Nec tibi sit lecto displicuisse pudor!

²⁷⁵ Bem como em outras partes de sua obra: III.38, X.70, X.74, XI.3, XI.24 etc. Sobre a vida do cliente, de uma forma mais geral (não necessariamente a de poeta-cliente), vejam-se também III.7, III.14, III.30, III.36, III.46, III.60, VIII.55 e X.58.

²⁷⁶ Intertexto apontado por Howell (1980: 266).

Não te prenda a irradiante mole do colosso, que supera orgulhosa a obra ródia.	Nec te detineat miri radiata colossi quae Rhodium moles uincere gaudet opus.	
Vira onde o templo está do ébrio Lieu e se ergue, com um coribante, o domo de Cibele.	Flecte uias hac qua madidi sunt tecta Lyaei et Cybeles picto stat Corybante tholus.	10
Eis logo à esquerda a frente dos nobres penates: do átrio da excelsa casa te aproxima.	Protinus a laeua clari tibi fronte Penates atriaque excelsae sunt adeunda domus.	
Chega e não temas luxo ou um limiar soberbo: qual porta é mais aberta em seus batentes?	Hanc pete: ne metuas fastus limenque superbum: nulla magis toto ianua poste patet,	
Qual as doudas irmãs e Febo amam mais no íntimo? Se diz “Por que não vem ele em pessoa?”, justifiques: “Porque, o que for que aqui se leia, um cliente não podia escrever.”	nec propior quam Phoebus amet doctaeque sorores. 15 Si dicet “Quare non tamen ipse uenit?”, sic licet excuses “Quia qualiacumque leguntur ista, saluator scribere non potuit.”	

O verso 1 empresta as duas palavras iniciais, *vade salutatum*, de *Tr.* III.7.1²⁷³, e as utiliza no mesmo local do verso, os dois primeiros pés (dátilo e espondeu) e a metade do terceiro (dátilo em Ovídio, espondeu em Marcial):

Vādē sāllūtāltūm, sūbīltō pērālrātā Pēlrīlām (Ovídio).

Vādē sāllūtāltūm prōl mē, lībēr:l īrē iūlbērīs (Marcial).

Na elegia ovidiana, como adverte Howell (1980: 266), não há, porém, a idéia de clientelismo no termo *salutatum*, pois Ovídio está enviando a saudação à sua enteada, não a um patrono. No entanto, Perila e Próculo têm algo em comum: o interesse pela poesia (cf., respectivamente, *Tr.* III.7.11 ss. e I.70.15), embora não fique claro se o segundo é poeta ou apenas patrocinador dos poetas. Ovídio fará à enteada um discurso de apologia à poesia, lembrando que os dons do engenho são os únicos bens que não podem ser tirados a ninguém, e a única parte, dos mortais, que é imortal (vv. 43 ss.); Marcial terminará o epigrama declarando jocosamente, a seu patrono, que não poderia ter escrito os poemas que ora lhe são trazidos, caso tivesse de fazer-lhe a *salutatio* matinal.²⁷⁴ Ovídio se mostra preocupado com a esterilidade poética que sua desgraça, no exílio, possa causar na enteada

²⁷³ Zingerle (1877: 27) detectara esse intertexto. Cf. também Howell (1980: 266).

²⁷⁴ Note-se que o tema da saudação (*salutatio*) está presente no primeiro e no último verso de Marcial, que contêm os termos *salutatum* e *saluator*, respectivamente.